



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

A modernidade Artística e Educacional de Guido Viaro

Graciele Dellalibera de Mello
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
gracidemello@gmail.com

Leticia Mara de Meira
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
meira.leticia@gmail.com

Alexandra Padilha Bueno
UNIFACEAR
alexandrapbueno@gmail.com

RESUMO

O livro *A Modernidade no sótão: Educação e Arte em Guido Viaro* (2008), analisa a relação do projeto artístico e cultural do artista em questão, na cidade de Curitiba, entre as décadas de 1930 e meados de 1960. O intelectual trouxe à cena artística e educacional, discussões sobre a autonomia dos alunos, a valorização da expressão individual e a influência do modernismo na arte. Para tanto a autora, Dulce Regina Baggio Osinski, mobiliza um aporte teórico acerca da ideia de modernidade que perpassa a cena cultural, da literatura às artes plásticas, incluindo a discussão geracional e de trajetória intelectual. Com acuro na narrativa histórica, Osinski constrói argumentos e mobiliza estratégias de enredamento, de forma a instigar a continuidade da leitura, onde Guido Viaro é um personagem complexo, sedutor, contraditório e inconcluso.

Palavras-chave: História da educação, Arte, Modernidade.



The Artistic and Educational modernity of Guido Viaro

ABSTRACT

Modernity in the attic: Education and Art in Guido Viaro (2008), is a book that analyzes the relationship between Guido Viaro's artistic and cultural project in the city of Curitiba, from the 1930's to the mid-1960's. Regarding the artistic and intellectual setting, Viaro has discussed the students' autonomy, the valorization of individual expression and the influence of modernism in art. In order to establish this relation, the author, Dulce Regina Baggio Osinski, mobilizes a theoretical contribution about the idea of modernity that permeates the cultural scene, from literature to plastic arts, including the generational discussion and intellectual trajectory. Osinski builds topics and mobilizes entanglement strategies with accuracy in the historical narrative. The book instigates the continuous reading, with Guido Viaro as a complex, seductive, contradictory and inconclusive character.

Keywords: Education history, Art, Modernity.



A Modernidade Artística e Educacional de Guido Viaro

O livro *A Modernidade no sótão: Educação e Arte em Guido Viaro* (2008), publicado pela Editora UFPR, decorre da tese de doutoramento de Dulce Regina Baggio Osinski, defendida na Universidade Federal do Paraná (2006) e representa uma contribuição fundamental para os estudos da educação e da arte. O livro analisa a relação entre o projeto artístico e educacional de Guido Viaro (1897, Badia Polesine, Itália), figura pública ativa e influente na cidade de Curitiba, entre as décadas de 1930 até meados dos anos 1960.

Guido Viaro desembarcou no Rio de Janeiro em 1927 e seguiu para São Paulo, onde atuou como ilustrador e caricaturista, fixando-se em Curitiba a partir de 1929. Osinski descreve Guido Viaro como um intelectual que, articulado a outros que compunham o debate público, trazia novas questões ao cenário artístico e educacional, passando pela promoção da autonomia dos alunos, valorização da expressão individual e influência do modernismo na arte.

A ideia de modernidade, que perpassava a cena cultural, é contextualizada pela autora a partir da pintura e dos escritos de Viaro. O artista fazia parte da nova geração de intelectuais que se caracterizava pela negação de símbolos tradicionais e figuras quase sacralizadas pela geração anterior, que tinha como maior expoente o pintor Alfredo Andersen. Por meio da Sociedade dos Artistas do Paraná, o pintor Andersen já havia procurado “tirar a arte paranaense do marasmo” (OSINSKI, 2008, p.36), algo que Viaro também almejava. Com a consolidação deste novo grupo, toma forma o confronto de gerações personificado por estas duas figuras: Andersen e Viaro.

A autora busca contextualizar as ações de Viaro nos seus variados campos de atuação criando uma teia, onde é possível perceber os entrelaçamentos e a composição de novos arranjos e para isso mobilizou fontes como: periódicos, jornais, catálogos de exposições, convites, livros, imagens, entrevistas e depoimentos, bilhetes e cartazes. Entre os periódicos, cabe destacar três revistas curitubanas – Joaquim, A Ideia e A Ilustração – que empreendiam discussões sobre a função do intelectual e sua relação com a sociedade. Estas revistas discutiam a modernidade e o embate entre as gerações de intelectuais, trazendo textos tanto de escritores locais como de artistas de renome nacional e internacional. Viaro teve veiculado na Revista Joaquim imagens, crônicas, textos críticos e entrevistas. Mesmo sendo um senhor de quase 50 anos, era apreciado pelos jovens como parte do grupo de moços. O grupo dos “Joaquins”, como eram chamados, tinha em comum a realização de um projeto cultural identificado com a ideia de renovação e união em torno da desejada modernidade.

No primeiro capítulo do livro vemos as várias narrativas construídas em torno da sua personalidade e ofício. O próprio artista ajuda a delinear parte de sua trajetória nas entrevistas dadas a vários jornalistas e pesquisadores ao longo de sua vida. Pouco se sabe sobre sua formação, além do que ele mesmo deixou registrado: seria professor e pintor diplomado pela Academia de Belas Artes de Veneza, com estudos autodidatas realizados antes de chegar ao Brasil, nas passagens que teve por outros países. As estratégias de sobrevivência artística em uma nova cidade são mencionadas, com destaque para o aconselhamento e o exercício da crítica aos jovens artistas, que tinha como efeito incrementar e manter relações pessoais na área cultural. Na tentativa de promover seus trabalhos, alguns agentes culturais envolveram Guido Viaro em uma aura de modernidade ao associar seu processo criativo a personalidades renomadas da literatura, como Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire.

No segundo capítulo, é possível visualizar a construção da figura de Viaro como vanguardista na cena curitubana: a rebeldia, a contestação, a incompreensão por parte da crítica e do público, além das dificuldades financeiras resultantes de suas não concessões ao mercado da arte local, fizeram com que seu estúdio fosse descrito como um lugar de ideias revolucionárias em arte. Percebe-se como a imprensa, e principalmente a Revista Joaquim, de autoria e financiamento do escritor Dalton Trevisan, foi determinante para alçar o artista ao sucesso. A Revista Joaquim, de circulação mensal



(1946-1948) buscou trazer para o debate local questões referentes a oposição entre tradição e modernidade. Seu principal tema foi a discussão da modernidade artística e literária, cooptando para tanto vários artistas e escritores.

A autora usa imagens de artistas brasileiros e internacionais, para aproximar Viaro do expressionismo e outros movimentos da arte moderna, e destaca as características comuns aos jovens intelectuais do período, dentro da própria Revista Joaquim: acuidade crítica, desejo de análise dos problemas sociais, o interesse pelas ciências sociais e o esforço para compreender, de modo mais amplo e positivo, a realidade presente.

Os jovens artistas mobilizados por Viaro usavam como armas de propagação de suas ideias: a arte, a educação e a literatura. A nova geração, ao negar símbolos e figuras sacralizados anteriormente, tal como o pinheiro, o Museu Paranaense, entre outros, atacava os detentores do poder na estrutura da cultura local. Um ponto de convergência entre o grupo dos Joaquins e o dos Andersianos é o projeto de criação da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). A ideia de missão educacional e cultural é apontada como condição quase inerente ao engajamento do período. Na concretização do projeto, vários intelectuais se unem, entre eles: Erasmo Pilotto, Guido Viaro e outros artistas ligados a tradição de Andersen.

O interesse de Viaro por novas teorias é uma marca constante da sua formação. Sua pedagogia era considerada mais livre, pois buscava subverter as metodologias tradicionalistas no ensino da arte. Desta forma, trouxe para o centro das discussões a questão do autodidatismo e da formação cultural, em contraponto a metodologia mecanicista no ensino da arte, algo que para Viaro estaria presente na construção do ideal de intelectual moderno europeu. A autora evidencia a presença do mito do autodidata como algo positivo no processo de criação artística. No final do capítulo, destaca-se a análise do exercício de crítica de Viaro como parte da construção do intelectual, demonstrando a mediação como estratégia de aproximação entre criadores e público, na busca do entendimento e de uma maior aceitação da arte moderna em terras curitibanas.

O terceiro capítulo enfatiza a atuação de Guido Viaro na formação artístico-cultural da infância e sua entrada no debate educacional curitibano junto a Erasmo Pilotto. Viaro já havia lecionado em várias instituições da cidade, mas a experiência no Centro Juvenil de Artes foi marcante em sua trajetória. No decorrer deste capítulo, o projeto de educação e arte é apresentado ao público, assim como a relação entre Viaro e alguns pensadores da educação moderna. A autora ilustra a valorização da espontaneidade infantil ao comentar obras produzidas pelas crianças, perceptível a partir do grande acervo fotográfico do artista. Vale destacar também o trabalho de Guido Viaro com a formação de professores nos *Cursos de Aperfeiçoamento de Desenho* voltado para normalistas, demonstrando que o projeto de Viaro previa a repercussão de suas ideias em outros contextos.

Dulce Osinski apresenta o personagem ao mesmo tempo que “desenha” o contexto em que a trajetória de Guido Viaro transcorre: a Curitiba das décadas de 1930 à meados de 1960. Com relação à sua produção artística chegou a dizer na Revista Joaquim que se interessava pelo homem simples, comum, sofredor e apesar de entender que a arte não teria cunho político e ideológico, participou de projetos que aproximavam as crianças e jovens da arte. Desta forma, atuou na criação tanto da EMBAP (1948) quanto do Centro Juvenil de Artes (1953). Como organizador cultural, participou das discussões fomentadas nos cafés, reduto de discussões modernas, e das ações voltadas à arte no Centro Cultural Inter-americano.

Com esta abordagem multifacetada, a intenção da autora é ampliar as possibilidades de compreensão do universo cultural em que Guido Viaro vivia e criava. Esta opção faz com que a sequência nem sempre seja orientada pela cronologia, ou seja, a autora conduz o leitor por diferentes cenários, pessoas, redes de colaboração, de acordo com o tema que está no primeiro plano. Estes diferentes temas são enredados de forma a criar uma ideia de unidade no texto.

A teoria também é tecida desta forma, no desenvolvimento de sua narrativa, a autora apresenta



e evidencia o aporte teórico que embasa a sua análise. Osinski fundamenta a ideia de modernidade que perpassava a cena cultural, partindo da literatura e ligando-se as artes plásticas, incluindo a discussão geracional e de trajetória intelectual. Em alguns momentos também permite o acesso a outros contextos que dialogam com o aspecto que está sendo discutido na trajetória do personagem. Dentre alguns dos autores de seu aporte teórico encontramos Pierre Bordieu, Michel Winock, Jean-François Sirinelli, Helenice Rodrigues Silva e Carlos Eduardo Vieira.

A caracterização da cidade é realizada a partir do lugar que o personagem ocupa, vemos uma Curitiba em que o espírito moderno impulsiona a produção e a fruição da arte. O texto salienta a ambiguidade presente numa modernidade requerida para a cidade no período, idealizada pelo discurso de alguns, apontada como engodo por outros, já que vários aspectos ainda eram muito insuficientes no que tange a sua estrutura urbana, a cultura e a educação. Desta forma, foi preciso ainda uma boa dose de incentivos e provocações por parte de vários grupos imbuídos em promover a superação de tais condições.

As contradições são apresentadas sem uma pretensão de síntese ou julgamento. Em um momento, a rivalidade e oposição entre Viaro e Andersen é apresentada, em outro é posta em dúvida. Também é possível perceber um esforço da autora em desconstruir alguns registros de memória que utiliza como fonte, deixando evidente a subjetividade de quem produz os registros, sem desqualificá-los como tal. Desta forma explora tanto a fonte que apoia e elogia Viaro, como aquela que desconstrói e critica duramente sua produção artística.

Sem descuidar do regramento próprio da narrativa histórica, Dulce Osinski constrói argumentos e mobiliza estratégias de enredamento, de forma a provocar no leitor o desejo de prosseguir a leitura. A utilização equilibrada de termos e conceitos próprios do campo das artes, da história e da educação produz um efeito de tradução simultânea, somente possível para uma pesquisadora que conhece e sabe transitar por diversos contextos discursivos. Guido Viaro, no trabalho de Dulce Osinski, é um personagem complexo, sedutor, contraditório e inconcluso.

Referências

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **A modernidade no sótão**: Educação e arte em Guido Viaro. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

Recebido em: 07/08/2019

Aceito em: 11/04/2020